

## 1. Pra começo de conversa...

*Dasdores (assim se chamavam as moças daquele tempo) sentia-se dividida entre a Missa do Galo e o presépio. Se fosse à igreja, o presépio não ficaria armado antes da meia-noite, se se dedicasse ao segundo, não veria o namorado.*

*É difícil ver namorado na rua, pois a moça não deve sair de casa, salvo para rezar ou visitar parentes. Festas são raras. O cinema ainda não foi inventado, ou se o foi, não chegou a esta nossa cidade, que é antes uma fazenda crescida. Cabras passeiam nas ruas, um cincerro tilinta: é a tropa. E viúvas espiam das janelas, que se diriam jaulas.*

*Dasdores e suas numerosas obrigações: cuidar dos irmãos, velar pelos doces de calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever as cartas de todos. Os pais exigiam-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque o primeiro mandamento da educação feminina é: trabalharás dia e noite. Se não trabalhar sempre, se não ocupar todos os minutos, quem sabe de que será capaz a mulher? Quem pode vigiar sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem.*

(...)

Carlos Drummond de Andrade (1951)<sup>1</sup>

Entre o tempo cronológico do texto de Drummond e minha infância, há alguma distância. Mas ainda assim me lembro, na década de 70, de meu pai chegando da feira. Ao nos encontrar (eu e minhas irmãs) brincando com nossos primos na parte inferior dos prédios de um conjunto de blocos de um bairro popular, ele reagia com repreensão: “Meninas, já para casa! E vocês, meninos, vão procurar sua turma!”. Meu pai sempre mandava os meus primos procurarem sua turma, afinal, a turma deles não podia ser aquela que brincava com meninas, suas primas, filhas do velho Baião.

Passados muitos anos, já em 2006, a escola (privada) em que minha filha estuda, num bairro da zona norte, apresenta a foto da turma dividida em dois grupos: meninas (12) e meninos (6). A turma era composta por 20 alunos, mas dois meninos estavam ausentes no dia da foto. Encontro uma justificativa institucional para que a foto fosse feita desse modo a separar em grupos as crianças: a turma é muito grande, não cabe todo mundo na mesma foto. Afinal de

---

<sup>1</sup> Essa crônica faz parte da coletânea "Contos de Aprendiz", 1951.

contas, são 20 crianças na turma, doze meninas e oito meninos. O número de 20 crianças foi a razão para a divisão, mas por que não 10 e 10? A diferença se fez em gênero e os números ficaram desequilibrados: *muitas* crianças num grupo e *poucas* noutro.

O texto de Drummond fica hoje com um gosto de passado... No entanto, ninguém nega que esse passado não é tão distante. Muitas foram as mudanças que vieram ocorrendo nas relações entre mulheres e homens, muitas foram as mudanças implementadas nas noções de feminino e masculino daquele tempo até os dias de hoje.

Mas talvez todas essas mudanças ainda não estejam totalmente claras aos olhos de nossa sociedade. Mudanças são frutos de movimentos, de rupturas, de disputas... E para que se efetivem as mudanças, elas precisam ocorrer não só em circunstâncias públicas, institucionais, notórias, conhecidas, mas também no dia-a-dia, no cotidiano, no miúdo das vidas de cada um dos atores sociais.

Esta pesquisa coloca em questão, através de um pequeno retrato no contexto escolar, como essas mudanças vêm ocorrendo na educação (entendida aqui em seu sentido mais amplo, como processo de socialização, embora no espaço escolar) de algumas crianças urbanas, moradoras da cidade do Rio de Janeiro, brasileiras, por volta dos 6 e 7 anos.

Afinal, “Quem pode vigiar sonhos de moças?”. Meu pai vigiava, controlava... Ainda assim... aqui estou a ousar uma tese sobre meninas e meninos que estudam juntas/os.

As páginas que se seguem foram escritas por uma pesquisadora, professora de educação superior e básica, com passagem por diferentes segmentos de ensino, e que, hoje, como mestra e doutoranda, volta seu olhar às séries iniciais do ensino fundamental com a preocupação de quem sabe que esse espaço carece de pesquisas.

Continuo a sonhar, agora como sonho de mulher-pesquisadora-professora-mãe, em investigar o ensino fundamental como espaço do possível, de uma educação libertadora, que valorize as diferenças e que coíba os preconceitos.

## 1.1. A colocação do tema da pesquisa

Diversas áreas de conhecimento têm se interessado por questões da mulher e do homem modernas/os e por suas relações no mundo em que vivemos. Reflexões sobre identidades têm tomado espaço nos estudos relativos a sexo/gênero, especialmente em função das desigualdades sociais e das transformações por que a sociedade moderna tem passado (cf. Lakoff, 1975; Maltz e Borker, 1982; Tannen, 1990; Johnson, 1997; McClvenny, 2002).

Stuart Hall (2000[1992]) afirma que a principal diferença entre as sociedades “tradicionais” e “modernas” está no caráter de mudança destas últimas:

“A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem definido, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma” (Hall, 2000 [1992]: 17).

Giddens fala sobre a diferença entre sociedades tradicionais e modernas (Giddens & Pierson [1998]2000:19-20) considerando a convivência entre o velho e o novo e especialmente o caráter reflexivo da época contemporânea. Esse “alto grau de reflexividade social” – ou seja, as condições em que vivemos são cada vez mais resultado de nossas próprias ações – é um dos fatores que nos faz classificar a sociedade moderna em oposição às tradicionais.

Na sociedade tradicional, ou pré-moderna, a identidade social era circunscrita ao seu entorno, ou seja, à localidade, ao parentesco, às tradições que circundavam o indivíduo, relacionadas a fatores geográficos e/ou psicológicos. Nos tempos modernos, esta percepção se amplia; há uma diversidade de circunstâncias que interferem nas identidades que estamos projetando nos diferentes espaços interacionais. Estamos cercados de uma pluralidade de tradições; somos marcados por vários fatores que demandam a vida moderna. O autor exemplifica: “aqui sou um nome numa página; ali, um endereço na internet; acolá, um número de cadastro no computador do governo”, e complementa:

“minha identidade é uma projeção a mover-se pelos intrincados meandros sociais e institucionais de um mundo globalizado” (Giddens & Pierson [1998] 2000: 22).

Hall (2000 [1992]) afirma que o estudo das identidades tem se tornado uma questão porque estas estão em crise. O que parecia fixo, imutável, coerente e estável está deslocado e movimenta-se pela incerteza e pelas instabilidades próprias do tempo atual.

Estamos, portanto, em uma sociedade múltipla, em mudança. A virada de século não se caracteriza apenas na mudança no calendário, mas exige uma reflexão profunda sobre como as mudanças nos comportamentos sociais, nas relações sociais, no contexto da modernidade e da pós-modernidade, têm revelado principalmente a incompletude, a inquietação, a inconstância dos indivíduos.

Giddens ([1999] 2002:176) também fala sobre a diversidade de ambientes a que estamos expostos nos tempos atuais e como cada ambiente requer diferenciações no comportamento considerado ‘apropriado’. O autor chama atenção para o fato de que, se estes aspectos fragmentam o “eu”, também, contraditoriamente, são os que contribuem para sua integração. Os estudos sobre identidades têm discutido estas questões quando falam em identidades multifacetadas, plurais, fragmentadas (cf. Moita Lopes, 2002, 2003), não únicas e instáveis.

O estudo das identidades de gênero se destaca, na sociedade contemporânea, porque “o fato é que a subjetividade, a sócio-história e as culturas inscritas nos corpos são percebidas como fundamentais na compreensão do mundo em que vivemos” (Moita Lopes e Bastos, 2002: 14). A reflexão sobre o gênero nos abre, assim, um caminho multidisciplinar para pensar o ser humano. Pesquisas no campo da antropologia, sociologia, psicologia social, lingüística, dentre outras, nos mostram a pluralidade das questões acerca de “ser e estar no mundo”, não como objeto estático e sim como sujeitos que se modificam a cada instante de acordo com suas interações, ações e reflexões junto a outros sujeitos, em uma pluralidade de contextos.

As abordagens sobre gênero, ora com ênfase nas relações de poder e de dominação, como apontado nos estudos pioneiros de Lakoff (1975, 1979), ora com ênfase em diferenciações de ordem lingüística e comportamental (cf. Maltz e

Borker, 1982; Tannen, 1990; Henley & Kramarae, 1991), vêm sendo criticadas por serem consideradas essencialistas (Ver seção 2.1.1); para estas abordagens a fala é simples veículo para manifestação de propriedades que seriam internas, inerentes, aos gêneros masculino ou feminino. Alguém fala desse modo porque *é* homem e desse outro porque *é* mulher, ou seja, a fala reflete a essência da diferença. (McIlvenny, 2002:2).

Nos anos 90, as discussões, além de rejeitarem a dicotomia fala masculina/ feminina, destacam a construção de múltiplas identidades masculinas e femininas (cf. Edley and Wetherell, 1997; Johnson, 1997; Coates, 1998), e enfatizam sobretudo o estudo de outros grupos marginalizados na sociedade, como lésbicas, *gays*, bissexuais e transexuais (cf. McIlvenny).

A perspectiva de estudar o gênero como construto sociocultural tem sido adotada principalmente a partir da reflexão dos estudos feministas (cf. Giora, 2001). O foco se volta para a “constituição e interpretação de interações situadas” no contexto cultural e histórico (Jacoby e Ochs, 1995:171). Vários são os estudos dedicados à socialização na infância e na adolescência (Cook-Gumperz, 2001; Cook-Gumperz & Szymanski, 2001; Kyratzis, 2001; Moita Lopes, 2001, 2002a, 2003; Souza, 2002; Silveira e Santos, 2004; Sefton e Martins, 2004 e Auad, 2006).

A reflexão sobre a construção de identidades de gênero no contexto escolar, em particular, tem sido discutida na literatura mundial (cf. Sheldon, 1993; Thorne, 1993; Kyratzis e Guo, 2001; Cook-Gumperz e Szymanky, 2001 e Cook-Gumperz, 2001). No Brasil, ainda temos poucos estudos que focalizam a construção de identidades de gênero no contexto escolar. Destacamos Grossi (1992), Louro (1995, 1997 e 2002), Moita Lopes (2001, 2002 e 2003), Souza (2002), Silveira e Santos (2004), Sefton e Martins (2004), Carvalho, Machado e Rosa (2004) e Auad (2006) nas áreas da antropologia, sociologia e educação.

Perceber como e que identidades de gênero são construídas na infância, no contexto escolar, é importante porque o espaço escolar é um dos contextos através do qual se revelam práticas discursivas responsáveis por crenças, valores e atitudes do mundo social que reafirmam, moldam e constituem as identidades de gênero. Crianças, professoras/es, funcionárias/os e outras/os participantes que

venham a atuar neste contexto podem ou não disputar valores diferentes e criam valores específicos para a interação nesse contexto em particular.

A presente pesquisa vem ao encontro da necessidade de estudos de gênero na infância, especialmente ao tratar da co-construção de identidades de meninas e meninos na faixa etária de seis e sete anos, idade de entrada na escola, considerando a obrigatoriedade do ensino a partir dos sete anos. Numa pesquisa de cunho etnográfico, visitei e filmei atividades de aula de uma classe de alfabetização de um colégio de aplicação de uma universidade do Rio de Janeiro; consultei relatórios de atividades escritos pela professora e mantive diálogo com a mesma durante o processo de construção desta tese (v. seção 2.3).

O título da tese “*Tia, existe mulher bombeira?*” *Meninas e meninos co-construindo identidades de gênero no contexto escolar* remete ao contexto de uma instituição escolar, ao trazer a pergunta de uma criança (uma menina) à sua professora sobre quais profissões pode uma mulher escolher. Há direito de escolha? A pergunta foi suscitada porque outra criança (um menino) que havia apontado que a ordem social vigente não permitiria a uma mulher escolher tornar-se bombeira.

A indagação “*Tia, existe mulher bombeira?*” nos remete também aos esquemas de conhecimento que adquirimos ao longo de nossas vidas, através das instituições que nos cercam - família, escola, igreja e outras tantas instituições sociais. Como construímos tais esquemas de conhecimento e como interferem em nossas concepções de gênero?

O subtítulo “*Meninas e meninos co-construindo identidades de gênero no contexto escolar*” remete às análises interacionais situadas no decorrer deste trabalho, que apontam que há muitos modos e sentidos para os gêneros “meninas” e “meninos” – ou femininos e masculinos; esses tantos modos e sentidos, ora reproduzem os padrões hegemônicos, ora subvertem esses padrões.

“Co-construindo identidades de gênero” remete ao conceito de co-construção e sua relação com a Análise da Conversação (Jacoby e Ochs, 1995:171). Assim como os autores, entendo a expressão como a criação conjunta de formas, interpretação e identidade. O prefixo “co” inclui colaboração, cooperação, coordenação. Entretanto, co-construção não significa necessariamente

afiliações ou sempre acordos interacionais; os desacordos são também co-construídos interacionalmente. A co-construção, nos estudos da análise da conversação, envolve fala, sons, corpo e ambientes (p.174); é através das pistas lingüísticas, para lingüísticas e não-lingüísticas que analiso as identidades sociais interacionalmente construídas dos falantes e ouvintes aqui estudados.

Nesta perspectiva, traço os seguintes objetivos como centrais/principais na realização desta pesquisa:

- i. Analisar as identidades de gênero interacionalmente co-construídas no contexto escolar por meninas e meninos entre seis e sete anos de idade, assim como refletir sobre as práticas sociais que elas revelam.
- ii. Investigar como se dão as relações entre indivíduo e grupo, em um contexto de diferentes atividades de fala de grupos mistos de meninas e meninos.
- iii. Contribuir para uma reflexão acerca dos aspectos culturais e contextuais que interferem na construção de gênero junto às pesquisas que questionam “as hipóteses de mundos separados” (Maltz e Borker, 1982).
- iv. Discutir ações pedagógicas no contexto da pesquisa que colaboram ou impedem localmente, na interação entre os participantes, a construção desta ou daquela identidade de gênero e de que modo a escola pode interferir para uma ação crítica frente à realidade social das relações de gênero.

Traçados os objetivos, a seguir, delinheiro as perguntas que motivam este trabalho.

## 1.2. As perguntas da pesquisa

As crianças de hoje crescem e desenvolvem-se em meio às mudanças e instabilidades nas sociedades modernas de que nos falam Giddens & Pierson ([1998]2000). As mudanças sociais do século passado foram cruciais para a redefinição das identidades masculinas e femininas. A modernidade e pós-modernidade se caracterizam pela convivência entre velhas e novas identidades. As crianças vão, pouco a pouco, descobrindo que papéis desempenhar, que identidades tornar relevantes para atuar nos diversos contextos, de que modo participar em diferentes tipos de interação, que ações realizar nessas interações num terreno social que parece bastante movediço.

A linguagem é o espaço onde essas interações vão se dando, pois, desde a mais tenra idade, as crianças aprendem, através da linguagem, valores, crenças, modos de ser e estar no mundo das culturas e grupos de que participam.

Concordo com Cristina Costa Lima (2001) que:

“aprender linguagem é, ao mesmo tempo, aprender a ser. A ser menino ou menina, rico ou pobre, carioca ou gaúcho, sério, jocoso ou irônico, etc, transitando por uma gama de alinhamentos sutis porém reveladores de características individuais” (Lima, 2001:146)

No contexto das mudanças sociais relacionadas ao gênero, com diferentes formas de ‘ser homem’ e de ‘ser mulher’, a nossa indagação principal é sobre como se processam essas mudanças na infância, no contexto escolar da pesquisa. A infância é uma fase especial de socialização, de descobertas, aprendizados. É na escola, além de outras instituições sociais como a família, a mídia, a religião, dentre outras, que as crianças estão expostas, na interação com os outros alunos, os professores, de forma a construir e reconstruir hipóteses acerca do mundo e das pessoas.

Minha indagação se volta, sobretudo, para a construção de identidades de gênero em atividades escolares. Os estudos que relativizam o comportamento de gênero têm mostrado a necessidade de se verificar quais fatores interferem/modificam essas construções, em contextos mais específicos, que não

sejam meramente aqueles associados à visão essencialista da hipótese dos mundos separados (Maltz e Borker, 1982).

Há autores que apontam para a diversificação das construções de identidades de gênero de acordo com o contexto e o tipo de atividade que as crianças desenvolvem (cf. Kyratzis, 2001; Kyratzis e Guo, 2001; Goodwin, 2001) ou a composição dos grupos (cf. Ervin-Tripp, 2001 e Nakamura, 2001) como elementos que modificam as interações e as identidades reivindicadas, que podem ser moldadas pelas alianças que as crianças fazem numa dada interação. Diferentes organizações dos grupos - se meninas com meninas, se meninos com meninos ou se meninas e meninos – podem favorecer diferentes construções de identidades.

Na presente pesquisa, conduzirei a análise das interações, buscando responder às seguintes perguntas:

- i. Que identidades de gênero as crianças co-constroem interacionalmente em sala de aula junto à professora e aos colegas?
- ii. De que modo as atividades de fala desenvolvidas em sala de aula favorecem ou não diferenciações nas identidades individuais e de grupo co-construídas?
- iii. Em que medida a ação pedagógica contribui ou não para que as diferentes identidades se construam? A professora ratifica ou não as identidades construídas pelos alunos?
- iv. Como tais identidades se relacionam aos resultados e discussões de estudos realizados em outras culturas sobre gênero e infância?

### **1.3. Expectativas da pesquisa**

Ao abordar a pesquisa etnográfica em contextos educativos, Marli André aponta que o/a pesquisador/a deve “ultrapassar seus métodos e valores, admitindo

outras lógicas de entender, conceber e recriar o mundo”. Desse modo, “(...) categorias de análise não podem ser impostas de fora para dentro, mas devem ser construídas ao longo do estudo, com base em um diálogo muito intenso com a teoria e em um transitar constante dessa para os dados e vice-versa” (André, 1995: 45)

Em meu esforço por transitar entre os dados, que fui construindo no processo desta pesquisa, e o meu pano de fundo teórico, fui me dando conta de que criar categorias de análise linguística que nos ajudem a interpretar as identidades de gênero não é uma tarefa fácil.

Encontrei categorias para análises de nível macro e micro, considerando relações de poder/submissão, pautadas nos modelos de análise pragmática de Lakoff (1975): escolhas lexicais, uso de “*tag questions*”, uso de “*hedges*”, sintaxe formal, eufemismos, como características exclusivas da linguagem feminina, o que denotaria menor poder e desprestígio social da mulher em contraposição ao homem. Encontrei categorias para análises de nível micro nos estilos conversacionais, como em Tannen (1990), que apontam para aspectos linguísticos e comportamentais: colaborativo ou afiliativo para as mulheres e competitivo, diretivo para os homens, o que revelaria relações de simetria/ intimidade ou assimetria/ *status*.

No entanto, tanto em Lakoff, quanto em Tannen, há ênfase na hipótese dos mundos separados; seja em função das relações de poder, para Lakoff, ou das razões de ordem de socialização, para Tannen, o que se percebe é o foco nas diferenças que apontam para as desigualdades sociais.

Em autoras como Butler (2003) e Eckert e McConnell (1995, 2004), destaca-se a necessidade de questionar a dicotomia masculino e feminino. Também essas autoras me ajudaram a buscar outros fatores sociais que interferem nas relações de gênero, tais como raça, classe social, idade, conduzindo à diversidade na construção de identidades de gêneros.

Considerando que o contexto interacional e sociocultural das atividades escolares em questão, foco da proposta de minha pesquisa, possibilita observar a fragmentação, a pluralidade de identidades de gênero das crianças em função das interações em que estão inseridas, minhas expectativas são de que estes

comportamentos podem alternar-se ora com meninas ora com meninos, o que revela a necessidade de se analisar a interferência de fatores contextuais e culturais, como apontam Kyratsiz (2001 e 2002), Goodwin (2002) e Kyratsiz e Guo (2001). Nessa perspectiva, tenho a possibilidade de rever o modelo a partir do qual por muito tempo esperava-se das meninas um comportamento mais passivo e mais ativo dos meninos.

Assim, as minhas expectativas são de que:

1. em atividades de grupos mistos, conduzidas pelas crianças, meninas e meninos:
  - a. se alternam no comando da atividade, tomando o lugar de líder, exercendo o papel de professor/a.
  - b. selecionam quem vai participar, organizam as regras do jogo;
  - c. fazem afiliações na hora da competição: grupo de meninas x grupo de meninos;
2. em atividades de roda, conduzidas pela professora, meninas e meninos:
  - a. disputam a participação nas atividades conduzidas pela professora;
  - b. solicitam a fala e promovem mudança de tópico;
  - c. tomam atitude de professor pedindo silêncio aos demais colegas, conduzindo a atividade;
- d. em outros momentos, podem comportar-se mais passivamente, tanto as meninas quanto os meninos.

Ao desenvolver a pesquisa, fui percebendo que as diferentes formas de participação das crianças bem como da professora nas atividades analisadas apontam para a diversidade de identidades em construção, como coloca Ochs (1993), em um processo dinâmico de expor e interpretar posições sociais, afiliações, papéis, status, etc.

#### 1.4. Relevância da Pesquisa

Acredito que precisamos entender melhor quais são as regras que governam o jogo da interação infantil, uma vez que o comportamento lingüístico-discursivo da criança no contexto educacional brasileiro foi pouco explorado pelas pesquisas na área de gênero. Ainda há muito o que se conhecer e sobre o que se refletir a respeito de identidades infantis, especialmente as identidades de gênero.

Com este trabalho, pretendo contribuir para o diálogo com outros estudos que analisam identidades que se co-constroem no universo de interação escolar, onde os comportamentos são comandados por expectativas diferenciadas daquelas dos ambientes familiares, ou informais, não-escolares.

A partir dos resultados obtidos com esta pesquisa, desejo poder também contribuir para avanços na reflexão sobre uma ação pedagógica que se pretenda transformadora. Comportamentos antes meramente repetitivos, que reforçavam a visão separatista de mundos da menina e do menino, talvez percam espaço numa escola que se propõe a co-ensinar e co-construir comportamentos de meninas e meninos, com posturas pedagógicas que buscam uma atitude mais consciente e mais integradora entre cidadãos e cidadãs.

Por isso, concordo com Moita Lopes ao colocar que:

“Cabe, principalmente, àqueles como nós, cuja tarefa central é ensinar as pessoas a agir no mundo social através do discurso, o desenvolvimento, na sala de aula, da consciência crítica dos processos de construção social dos significados que nos constroem e que constroem os outros e o mundo à nossa volta.” (Moita Lopes, 2002: 218)

Esta pesquisa apresenta-se assim como uma proposta de contribuição aos estudos sobre gênero e infância considerando os fatores interacionais no contexto escolar, com alunos em fase de alfabetização, numa escola pública do Rio de Janeiro, pertencentes às classes média e popular. Autores têm destacado (cf. Kyratzis, 2001) a importância de se ampliar estudos que relacionem gênero e outras variáveis culturais, como uma forma de se perceber a diversidade na construção das identidades.

Delinear categorias de análise de identidades discursivas e sociais também tem sido um desafio para a pesquisa na área de gênero. Com esta pesquisa, também espero contribuir para essa reflexão.

E, por fim, pesquisar a construção de identidades de gênero no espaço escolar pode contribuir para ampliar as reflexões sobre as interações entre alunos e alunas e o papel do outro, especialmente do adulto, interferindo nas ações lingüísticas e sociais de cada menina e menino no dia-a-dia. Acredito que este desafio faz parte do cotidiano e da ação pedagógicos.

O texto da tese se desenvolve nos capítulos 2, 3, 4, como explicitado a seguir.

O capítulo 2 “A tessitura teórico-metodológica desta pesquisa” está dividido em três seções. Na seção 2.1- “Construindo e desconstruindo as teorias sobre gênero”, situo minhas leitoras e meus leitores nas abordagens de gênero, que são o ponto de partida desta investigação. Assim, teço um breve histórico dos estudos de gênero e linguagem nas duas últimas décadas na literatura internacional e nos trabalhos produzidos no Brasil. Reservo também uma subseção para os estudos que questionam e revêem a teoria dos mundos separados, presentes em trabalhos como os de Maltz e Borker (1982), Coates e Cameron (1989), Tannen (1986, 1990). Na seção 2.1.2 “Gênero, infância e linguagem”, trato dos estudos com foco especial sobre o contexto (cultural, escolar, tipo de atividade); destaco autores (Goodwin, 2001, Kyratzis e Guo, 2001, Nakamura, 2001 e Evaldsson, 2004) que também pesquisaram as construções de identidades de gênero de crianças condicionadas aos fatores contextuais: de organização de grupos e tipos de atividade. Na seção 2.2, descrevo os suportes teóricos da sociolingüística interacional e da análise da conversação importantes para as categorias analíticas dos dados. Na seção 2.3, descrevo a opção metodológica pela pesquisa de cunho etnográfico, a entrada na escola e na sala de aula para as filmagens e apresento algumas atividades de rotina da turma pesquisada.

No capítulo 3, “Cenas do cotidiano escolar”, analiso três cenas em atividades em sala de aula. Divido o capítulo em três seções. Na seção 3.1, analiso duas atividades de jogo de memória em sala de aula em que um grupo de meninas e meninos disputam a participação no jogo. Interessa-me ver os arranjos

interacionais da disputa, visto que o número de meninas era diferente do número de meninos. Na seção 3.2, analiso a atividade “roda de notícia” em que a professora traz à cena duas notícias que ela selecionou como de interesse das crianças: as mortes de um pediatra e da criadora de um brinquedo. Nesta atividade, entre outros tópicos, surge o debate sobre as opções profissionais estabelecidas para mulheres e homens. Na seção 3.3, analiso duas aulas em que a atividade é a apresentação do brinquedo favorito, especialmente bonecas e bonecos que meninas trazem para a roda. Mostro, nas interações, o comportamento de zombaria dos meninos e as reações de meninas a esse comportamento.

No capítulo 4, “considerações finais”, discuto os resultados principais da análise, faço comparações com outros estudos e reflexões, apontando questões que ainda nos suscitam as relações que envolvem gênero, linguagem, infância e contexto escolar.